

Os desafios da clínica psicanalítica de crianças e adolescentes pós-pandemia

Challenges of psychoanalytic practice with children and adolescents in the post-pandemic period

Elaine Tasso^a, Sandra Regina Borges dos Santos^b, Terezinha A. de Carvalho Amaro^c

a: Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU, Brasil

b: Profa Doutora e docente do curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU, Brasil

c: Psicóloga, Pós Doutora e Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU, Brasil

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar os desafios enfrentados pela clínica psicanalítica de crianças e adolescentes no contexto pós-pandemia. A partir de uma pesquisa teórico-bibliográfica, analisa-se os efeitos emocionais e comportamentais do isolamento social, a necessidade de adaptação do setting analítico ao atendimento remoto, as mudanças nas relações familiares, bem como a construção da identidade e os sintomas clínicos predominantes. Observou-se a intensificação de sintomas como ansiedade, regressões comportamentais e uso excessivo de telas. A análise busca oferecer subsídios para o aprimoramento da prática psicanalítica contemporânea, considerando as transformações sociais e subjetivas impostas pela pandemia.

Descritores: psicanálise, infância, adolescência, pandemia, saúde mental

ABSTRACT

This article aims to investigate the challenges faced by the psychoanalytic clinic of children and adolescents in the post-pandemic context. From a theoretical-bibliographic research, the emotional and behavioral effects of social isolation, the need to adapt the analytical setting to remote care, changes in family relationships, as well as the construction of identity and the predominant clinical symptoms are analyzed. Symptoms such as anxiety, behavioral regressions, and excessive use of screens were intensified. The analysis seeks to offer subsidies for the improvement of contemporary psychoanalytic practice, considering the social and subjective transformations imposed by the pandemic.

Descriptors: psychoanalysis, childhood, adolescence, pandemic, mental health

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 trouxe profundas transformações sociais, emocionais e psicológicas que afetaram todas as faixas etárias, com especial impacto em crianças e adolescentes. O isolamento social representou uma ruptura nas rotinas diárias, nas relações interpessoais e na convivência familiar e escolar — elementos essenciais para o desenvolvimento psíquico e emocional saudável.

A ausência da socialização presencial, o fechamento das escolas e a redução das atividades coletivas impuseram desafios únicos à construção da identidade, ao desenvolvimento emocional e às formas de subjetivação. Além disso, a psicanálise infantil, ancorada na presença física e na linguagem do brincar, teve de se adaptar ao atendimento remoto, o que impôs desafios técnicos e éticos.

A adaptação do setting psicanalítico para o formato remoto também representa uma transformação radical que precisa ser investigada para oferecer subsídios teóricos e práticos para os profissionais da área¹.

O intuito deste estudo é abordar uma lacuna importante na literatura psicanalítica e contribuir para a compreensão dos desafios e das oportunidades que emergem no contexto da pandemia. Ao investigar os impactos do isolamento social na construção da identidade de crianças e adolescentes e ao explorar as mudanças no setting analítico, busca-se oferecer subsídios teóricos e práticos de profissionais da área da saúde mental. E para além disso, pensar em orientações para futuras intervenções terapêuticas e auxílio na elaboração de novas abordagens psicanalíticas que considerem a realidade híbrida do atendimento presencial e remoto. Assim, procura-se não só compreender os efeitos imediatos da pandemia, mas também propor reflexões sobre o futuro da psicanálise para crianças e adolescentes em uma sociedade cada vez mais digitalizada.

Com base no acima exposto, este artigo propõe uma reflexão sobre esses desafios a partir de uma revisão bibliográfica, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento da prática clínica em tempos de pós-pandemia.

OBJETIVO

Analisar os impactos da pandemia na saúde mental de crianças e adolescentes, especialmente no contexto da clínica psicanalítica, considerando sintomas emocionais, alterações comportamentais, transformações na construção da identidade e as adaptações do setting analítico ao formato remoto.

MÉTODO

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa teórico-bibliográfica. Foram utilizadas fontes como artigos científicos, livros e capítulos que abordam a clínica psicanalítica infantil e adolescente, o impacto da pandemia na saúde mental e as adaptações do setting psicanalítico.

A pesquisa foi realizada entre 2021 e 2024 e consistiu na análise de livros, capítulos de livros e artigos científicos. As publicações priorizadas foram as que abordam a clínica psicanalítica com crianças e adolescentes, especialmente no contexto da pandemia de COVID-19.

Foram pesquisados autores clássicos da psicanálise, como Freud (1905, 1911, 1913), Winnicott (1971), Lacan (1975) e Dolto (1985), e também psicanalistas contemporâneos, como Delfini (2021), Jerusalinsky (2023), Dickel (2022), Gueller et al. (2021) e Barros (2013).

O artigo não apresenta dados empíricos, mas realiza uma análise crítica da literatura recente com base nos conceitos da psicanálise freudiana e pós-freudiana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados se pautaram nos autores apresentados no método, e foram escolhidos para compor os dados analisados dois artigos científicos das bases de dados Periódicos em Psicologia – Pepsic, especificamente relacionados à temática deste estudo. Os dados foram elencados em nove categorias: 1. Mudanças e desafios no setting analítico; 2. O Setting analítico: evolução e relevância na Psicanálise; 3. Preservação do setting e suas funções fundamentais; 4. Alterações emocionais e comportamentais; 5. Impacto na construção de identidade; 6. Mudanças nas relações familiares e seus impactos na saúde mental; 7. Análise das adaptações no setting analítico com o uso da Psicanálise à distância; 8. Mudanças no contexto terapêutico e a eficácia do tratamento e o vínculo analítico; 9. Desafios encontrados pelos psicanalistas no trabalho remoto com crianças e adolescentes, as quais são discutidas a seguir:

1. Mudanças e desafios no setting analítico

De acordo com Gueller², a introdução de atendimentos online e a adaptação da psicanálise para um formato remoto representam uma transformação radical na prática clínica, principalmente com crianças e adolescentes. Na psicanálise infantil, a presença do analista no espaço compartilhado é um aspecto essencial do processo terapêutico, sendo o ambiente físico do consultório um lugar onde a criança pode projetar e elaborar seus conteúdos inconscientes por meio do brincar. A migração para o atendimento remoto exigiu a adaptação desses recursos, com a necessidade de incorporar novas ferramentas, como o uso de objetos disponíveis em casa e o envolvimento dos pais como mediadores do processo terapêutico:

Sempre se falou sobre o quanto nas sessões presenciais os analistas de crianças precisavam usar o corpo para brincar. Era isso o que faltava? Nós continuávamos dispondo nossos corpos para estar aí com as crianças.^{2:20}

2. O Setting analítico: evolução e relevância na Psicanálise

Para Freud³ o setting analítico é um dos conceitos centrais na prática clínica psicanalítica e representa o conjunto de condições e elementos técnicos que estruturam o processo terapêutico. Mais do que um espaço físico, o setting envolve regras e acordos tácitos e explícitos, como a frequência das sessões, a posição do analista e do analisando, e até os limites éticos que garantem a continuidade e a segurança da análise. Esse conceito, inicialmente desenvolvido por Sigmund Freud, continua a ser uma base fundamental para a prática dos psicanalistas contemporâneos, orientando não apenas a condução das sessões, mas também o entendimento dos fenômenos que emergem no campo transferencial e contra transferencial.

Freud³ abordou o setting analítico em diversos artigos, publicados principalmente no volume 12 das Obras Completas, intitulado "Artigos sobre Técnica". Esses textos estabeleceram as diretrizes iniciais da prática psicanalítica e são amplamente reconhecidos como uma referência essencial até hoje. Embora algumas adaptações tenham sido feitas ao longo das décadas, os princípios fundamentais propostos por Freud permanecem atuais e relevantes. O que se observa nas revisões contemporâneas são ajustes e ampliações, orientados pela reflexão teórica e pela prática clínica acumulada, com o objetivo de responder às demandas e desafios da sociedade moderna, mantendo a coerência com os princípios investigativos da psicanálise⁴.

3. Preservação do setting e suas funções fundamentais

Freud⁵ já destacava a importância de regras e limites claros, como a pontualidade nas sessões, o compromisso com horários fixos e a neutralidade do analista, para evitar que as características da vida cotidiana invadissem o espaço analítico. Esses aspectos ajudam a estabelecer uma continuidade psíquica que permite ao paciente confrontar e elaborar seus conflitos internos, livre das pressões e contingências do mundo externo.

A preservação do setting analítico é essencial para que o processo terapêutico possa se desenvolver de maneira segura e produtiva. O setting proporciona um ambiente previsível e constante, que favorece a regressão psíquica necessária para que o analisando possa acessar conteúdos inconscientes e projetá-los na relação transferencial com o analista. Nesse sentido, o setting opera como um espaço simbólico estruturado onde tanto o analista quanto

o paciente sabem o que esperar – e onde eventuais rupturas ou alterações se tornam significativas no curso do tratamento.

No entanto, o setting analítico não é uma estrutura rígida, mas sim um campo que acomoda a singularidade de cada paciente e que pode sofrer ajustes para garantir a eficácia do processo terapêutico. Psicanalistas pós-freudianos, como Donald Winnicott e Jacques Lacan, ofereceram perspectivas complementares sobre o setting, destacando que a flexibilidade controlada pode ser essencial em certos contextos. Por exemplo, Winnicott⁶ defendeu a importância de adaptar o ambiente clínico para atender às necessidades emocionais específicas de pacientes mais regressivos, enquanto Lacan⁷ propôs uma abordagem mais aberta em relação ao tempo das sessões, sugerindo a técnica da "sessão variável". Nesse caminho, pensamos no *setting* contemporâneo à pandemia e no nosso momento pós pandemia de possibilidades chamadas híbridas.

Prado⁴ reforça que o setting analítico é, acima de tudo, um instrumento investigativo pois permite que o analista observe e interprete as manifestações inconscientes do paciente, tanto nas suas palavras quanto nos silêncios e repetições, que são indicativos de conflitos psíquicos não resolvidos. Dentro desse espaço estruturado, fenômenos como a transferência – a repetição de sentimentos e fantasias direcionados ao analista, mas originados em experiências passadas – podem ser trabalhados e elaborados. O analista, por sua vez, deve manter uma postura ética e de neutralidade, que não implica ausência emocional, mas uma capacidade de escuta atenta e livre de julgamentos. A contratransferência – ou seja, as reações emocionais inconscientes do analista em resposta ao paciente – também faz parte do campo do setting e deve ser constantemente monitorada. Essas dinâmicas mostram que o setting analítico vai além de uma configuração técnica, assumindo uma dimensão relacional complexa, na qual as fronteiras entre o eu e o outro se tornam permeáveis.

Pensando então em adaptações contemporâneas sobre o setting online e novos desafios, com o desenvolvimento das tecnologias digitais e as demandas da vida contemporânea, os novos formatos de setting analítico emergiram especialmente com a introdução das sessões online. A prática da psicanálise à distância exigiu uma reavaliação cuidadosa dos conceitos clássicos de setting, já que a mediação por telas altera a experiência de presença e afeta tanto a percepção do tempo quanto a dinâmica das sessões. Apesar dos desafios, a prática clínica à distância demonstrou que é possível manter a essência do setting analítico, desde que alguns princípios fundamentais sejam preservados. Delfini¹ enfatiza que a continuidade e regularidade das sessões, o cuidado com a privacidade e confidencialidade, e o compromisso com a escuta atenta continuam sendo pilares essenciais para que o processo analítico se desenvolva de forma produtiva.

Além disso, o contexto pandêmico revelou que a flexibilidade do setting é uma necessidade prática e não apenas uma escolha teórica. Na obra *Psicanálise com crianças em tempos de pandemia: desafios e proposições para a clínica online*⁸, os psicanalistas relataram que, apesar das limitações técnicas, as sessões online permitiram aos pacientes manterem um espaço de escuta e elaboração emocional em momentos de crise, reforçando a ideia de que a adaptação é parte integrante do próprio conceito de setting. O setting analítico é muito mais do que uma configuração técnica; é um elemento estruturante e simbólico, essencial para a prática da psicanálise. As propostas originais de Freud se mantêm válidas e servem como base para a prática contemporânea, mas também foram enriquecidas por contribuições teóricas e adaptações que respondem às necessidades dos tempos atuais. A importância do setting reside em sua capacidade de proporcionar um espaço seguro, previsível e simbólico, onde o paciente pode explorar e elaborar seus conflitos internos.

Conforme define Migliavacca⁹ as adaptações realizadas ao longo do tempo, demonstram que o setting é uma estrutura viva, que deve se ajustar às necessidades singulares de cada paciente e aos contextos culturais e sociais em transformação. A preservação do denominador comum do setting, ou seja, dos princípios essenciais de continuidade, compromisso e escuta, é fundamental para que o processo investigativo e terapêutico proposto pela psicanálise continue a ser eficaz e relevante. Por fim, o setting analítico, seja ele presencial ou remoto, permanece um pilar fundamental da prática clínica, orientando o trabalho dos analistas e oferecendo aos pacientes um espaço para se conhecerem e se transformarem por meio da palavra e da escuta.

Nesse sentido, o espaço proposto para promover a estruturação simbólica dos processos subjetivos inconscientes, integra as condições técnicas básicas para a intervenção psicanalítica. O modo como se organiza uma sessão de análise, não se limita aos aspectos físicos e por si próprio o setting funciona como elemento de tratamento. Barros¹⁰ aponta que os elementos pertinentes à organização do setting são: o espaço físico de atuação, o contrato estabelecido para seu desenvolvimento e os princípios da própria relação, transferencial e contra transferencial, estabelecida entre analisando e analista. Freud⁵ delineou o setting analítico como um lugar específico para que a relação terapêutica se desenvolvesse, composto por um conjunto de elementos que podem ser compreendidos como variáveis independentes, que devem permanecer sob controle, para assegurar o êxito do tratamento: o analista; o paciente; o cerimonial; o tempo; o dinheiro; a regra fundamental (a associação livre); a atenção flutuante (supressão momentânea dos pré-julgamentos conscientes e das defesas inconscientes). Novas abordagens terapêuticas na Psicanálise moderna e contemporânea enriquecem a prática psicanalítica em um mundo cada vez mais digital e sujeito a crises.

A partir das observações feitas acima, observou-se que a integração de atendimentos presenciais e online pode ser considerada hoje como uma ferramenta permanente na prática psicanalítica, permitindo maior flexibilidade e continuidade do tratamento em situações imprevistas, como crises sanitárias ou deslocamentos familiares.

Pensar na flexibilidade do setting possibilita a aplicação da técnica em vários contextos, como: a criação de grupos terapêuticos online, nos quais crianças e adolescentes possam compartilhar suas experiências e ansiedades, pode ser uma forma de promover interações sociais e facilitar a formação da identidade em tempos de isolamento.

4. Alterações emocionais e comportamentais

Jerusalinsky¹¹ fala sobre os impactos do isolamento social, e do quanto esse isolamento social afetou o equilíbrio emocional das crianças e dos jovens. A ausência de convivência com amigos, o fechamento das escolas e a incerteza constante em relação ao futuro afetaram o equilíbrio emocional de crianças e adolescentes resultando em sentimentos de angústia e medo, insegurança e falta de habilidades em se comunicar. Afinal, foram dois anos de desorganização das práticas coletivas e do convívio social, que resultam em privações de experiências que são estruturantes para crianças e adolescentes.

O isolamento social, conforme afirma Jerusalinsky¹¹, alterou significativamente a rotina e o comportamento de crianças e adolescentes, a saber: distúrbios do sono (como insônia ou sono excessivo), que afetam diretamente o funcionamento cognitivo e emocional, a irritabilidade e explosões emocionais, frequentemente associadas à falta de socialização e às restrições no espaço familiar, assim como regressões em habilidades sociais e emocionais, como dificuldade de interagir em grupo ou maior dependência dos pais, que indicam uma possível interrupção no desenvolvimento emocional saudável.

Essas afirmações vão de encontro com o que Françoise Dolto¹² defende, que a alienação da criança pode vir do fechamento ao núcleo familiar. De acordo com uma observação feita em um Kibutz de Israel, crianças que passavam o dia com outras crianças e longe de seus pais, estavam livres dos excessos e superproteção de suas mães, e isso possibilitava uma melhor socialização e desenvolvimento da linguagem.

Esta análise necessita de uma compreensão aprofundada das mudanças comportamentais e das dificuldades de adaptação às novas rotinas impostas pela pandemia. O uso excessivo das telas impede os jovens de circular no mundo, afinal no mundo virtual não há desafios e nem frustrações. O jovem deixa de se aventurar no mundo, pois tem um mundo em suas mãos. Com isso, a pandemia também reforça os sintomas do uso excessivo das telas.

Delfini¹ considera como outro desafio relevante, a necessidade de reconfigurar o que chamamos de regulação da distância emocional entre analista e paciente. A tela do computador estabelece uma nova barreira simbólica, que afeta tanto a percepção do analista quanto a do paciente sobre a relação analítica. O uso da tecnologia também trouxe questões ligadas à privacidade e à qualidade da comunicação, especialmente para crianças que, em casa, podem ter dificuldades para encontrar um espaço seguro e livre de interferências externas para realizar a terapia.

A transição para a psicanálise à distância colocou em evidência um importante questionamento, a saber: como manter a escuta analítica em um formato mediado por telas? Entendemos que a escuta psicanalítica envolve não apenas o que é dito, mas também o que é transmitido por meio de gestos, silêncios e expressões corporais, aspectos que são mais difíceis de captar no ambiente virtual. Esse cenário levou muitos psicanalistas a reavaliar suas técnicas e a buscar novas maneiras de garantir a qualidade do atendimento, sem comprometer a essência da prática analítica.

Delfini¹ afirma, com base na investigação de manifestações clínicas e mudanças comportamentais observadas durante o período pandêmico, a COVID-19 interrompeu a rotina normal de interações sociais e atividades cotidianas, cancelou aulas presenciais, convívios em sala de aula, recreios, atividades em comum, convívio social e organização da personalidade em grupo e com o outro. Ademais, expôs crianças e adolescentes a um cenário de restrições inéditas e prolongadas e alguns sintomas emocionais e alterações comportamentais se destacaram como por exemplo a fobia social. Principalmente na transição da infância para a adolescência, o fato do jovem em isolamento que não tinha interação com os pares e se manteve isolado na única companhia dos pais, impossibilitou que tais sujeitos passassem por um importante processo psíquico, “uma das mais significativas e dolorosas realizações psíquicas”:

O desligamento da autoridade dos pais. Um processo que sozinho torna possível a oposição tão importante para o progresso da civilização entre a nova geração e a velha^{13:234}

A pandemia produziu certas marcas subjetivas em momentos diferentes da vida de cada um. Como o adolescente irá circular para fora de casa e com isso trazer questões de conflitos e poder argumentar com os pais? As mudanças na criança e no adolescente acontecem de forma muito rápida, dois anos de pandemia é muito tempo para eles.

5. Impacto na construção de identidade

A construção da identidade durante a infância e a adolescência é um processo complexo, que depende diretamente da interação com o outro, com o meio (entorno social e rede de apoio) e da vivência em diferentes contextos sociais. O isolamento social, ao limitar essas interações, comprometeu profundamente o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, deixando lacunas no processo de amadurecimento psíquico. Além disso, o distanciamento das atividades coletivas, como a escola e encontros com amigos, removeu importantes pontos de apoio para a formação de uma identidade autônoma, ampliando o sentimento de insegurança, ansiedade e solidão. Jerusalinsky¹¹ enfatiza que, com a pandemia, muitas crianças e adolescentes foram submetidos a contextos familiares mais intensos e, por vezes, estressantes, devido ao aumento da convivência dentro de casa e às dificuldades emocionais enfrentadas pelos próprios pais. Esse cenário pode tanto gerar uma maior proximidade afetiva quanto exacerbar conflitos familiares, resultando em impactos diversos no desenvolvimento emocional dos jovens. Assim, a psicanálise, ao lidar com essas questões, assume um papel fundamental na escuta e no acolhimento dos processos inconscientes que emergem nesse contexto.

É a partir desse contexto e da necessidade de escuta desses sofrimentos que o mundo digital passa de vilão a mocinho, através dele foi possível continuar com os atendimentos clínicos, com as aulas, conectando as pessoas, minimizando assim os impactos do isolamento e para isso, o setting analítico precisou ser repensado, como trabalhar com crianças e adolescentes? jogos, desenhos, pinturas, como levar isso para o mundo digital. O fato é que as próprias crianças e adolescentes nos ensinaram a trabalhar por meio do mundo digital que é muito conhecido por elas.

6. Mudanças nas relações familiares e seus impactos na saúde mental

Frente à pandemia de COVID-19 e o isolamento social por ela provocado, grande parte das famílias teve de reduzir seu espaço de circulação para o ambiente de seus lares, limitando, assim, as produções corporais e lúdicas das crianças ao perímetro de suas casas e apartamentos.^{13:169}

Desta forma, com o aumento forçado da convivência familiar durante o isolamento, surgiram novas dinâmicas nas relações entre pais e filhos. Por um lado, essa convivência intensiva pode ter proporcionado maior proximidade emocional e fortalecimento dos laços afetivos, já, por outro lado, também pode ter resultado em conflitos familiares mais frequentes e na intensificação de tensões domésticas, gerando impactos negativos no bem-estar emocional

dos jovens, postergação da adultez emergente nos adolescentes e um excesso de cuidado com as crianças, retardando dessa forma o processo de desenvolvimento.

A presença contínua dos pais influenciou o comportamento e as emoções das crianças, incluindo a percepção de segurança e apoio emocional, ao mesmo tempo a sobrecarga emocional dos pais afeta a saúde mental dos filhos, especialmente em lares com dificuldades econômicas ou familiares pré-existentes. O papel dos pais como mediadores das atividades educacionais e terapêuticas online deve ser mais bem analisado, assim como os desafios enfrentados na gestão do tempo e das emoções no ambiente familiar.

Esta realidade sem dúvidas teve impactos importantes para o psiquismo das crianças, podendo a pandemia ser compreendida em seu caráter produtor de sofrimento psíquico para os pequenos.^{13:169}

Jerusalinsky¹¹ fala da importância em compreender como o isolamento social afetou o bem-estar emocional e comportamental de crianças e adolescentes, essa compreensão foi fundamental para identificar as consequências de curto e de longo prazo na formação da identidade e no desenvolvimento psíquico desses jovens. A investigação dessas questões permitiu explorar os fatores de risco e de proteção que emergiram durante a pandemia, fornecendo ferramentas importantes para a prática clínica psicanalítica, pois possibilita a reconhecer e tratar sintomas emocionais de forma precoce, minimizando os impactos negativos do isolamento, e também a auxiliar as famílias na reconstrução de rotinas saudáveis e na reestruturação das relações familiares após o período pandêmico, bem como propor intervenções terapêuticas direcionadas para a recuperação de habilidades sociais e emocionais prejudicadas pelo distanciamento prolongado.

A extraordinária diversidade das constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos mentais e a riqueza dos fatores determinantes opõem-se a qualquer mecanização da técnica.^{5:139}

Parte daí a importância de se pensar em novas abordagens terapêuticas alinhadas às necessidades específicas dos jovens que enfrentaram a crise da pandemia e em uma orientação no sentido de desenvolver novas técnicas para trabalhar com crianças e adolescentes em contextos de crise, fortalecendo a prática psicanalítica contemporânea e ampliando sua capacidade de resposta em tempos de instabilidade social.

7. Análise das adaptações no setting analítico com o uso da Psicanálise à distância

Para Dickel¹⁴ esses atendimentos dependeram, mais do que nunca, da aposta e investimento das mães e dos pais para que fossem possíveis nesse momento.

Esta análise buscou identificar as mudanças e adaptações necessárias na prática psicanalítica durante a pandemia, especialmente para o atendimento infantil e adolescente pensando inicialmente na estrutura tradicional do setting terapêutico que foi adaptada para o ambiente remoto, depois a utilização de novos recursos e estratégias para manter o vínculo terapêutico e promover a escuta analítica em formato digital, assim como a inclusão dos pais e responsáveis no processo terapêutico, devido à presença constante em casa e à necessidade de mediação em algumas sessões online e, por último, pensamos nas dificuldades enfrentadas para incorporar o brincar e a linguagem simbólica no atendimento remoto, fundamentais para o trabalho psicanalítico com crianças.

A compreensão dos efeitos emocionais e comportamentais do isolamento permitirá aos psicanalistas desenvolverem estratégias mais eficazes de acolhimento, auxiliando crianças e adolescentes na elaboração dos sentimentos de solidão, ansiedade e insegurança. Nessas melhorias podemos citar as novas Estruturas de Atendimento Híbrido pois os desafios e as adaptações identificadas orientaram a criação dos chamados "modelos híbridos de atendimento", combinando sessões presenciais e online, oferecendo maior flexibilidade e acesso contínuo ao tratamento, mesmo em situações adversas. Delfine¹ reforça a importância da integração de Pais e/ou de uma Rede de Apoio, pois a experiência com o envolvimento parental durante a pandemia destaca a importância de fortalecer a parceria com a família no processo terapêutico, propondo novas formas de colaboração e orientação aos pais, especialmente em tempos de crise.

8. Mudanças no contexto terapêutico e a eficácia do tratamento e o vínculo analítico

Um dos principais objetivos desse estudo foi investigar de que forma a mudança para o ambiente remoto impactou a eficácia dos tratamentos realizados durante a pandemia e nesse sentido foi analisada a qualidade da aliança terapêutica no ambiente virtual e as possíveis rupturas ou dificuldades no estabelecimento de um vínculo afetivo estável. Secundariamente foi observada as limitações e potencialidades do atendimento online no processo de escuta analítica e na evolução dos pacientes e como a mudança na dinâmica das sessões, agora realizadas à distância, alterou a participação e a entrega emocional das crianças e adolescentes durante o tratamento, mas não de forma negativa.

As crianças que estavam em atendimento e passaram para o online, essas não tiveram nenhuma dificuldade nessa transição, para as crianças bem pequenas, foi necessária a ajuda e participação dos pais, já os maiores tinham plena habilidade para utilizar as ferramentas sozinhos. Perde-se a presença do atendimento presencial, mas ganha-se no online outros elementos que antes não eram acessíveis.

Assim como gerou fechamentos, o trabalho remoto também propiciou muitas aberturas, já que as crianças demonstraram satisfação em poder compartilhar um pouco mais de seu universo com seus analistas.^{14:172}

Freud¹³ afirma que uma análise pode fazer muito por um analisando, mas não é possível saber antecipadamente os efeitos que essa análise produzirá, e essa afirmação serve para observarmos os efeitos produzidos pelas mudanças do setting analítico.

A percepção dos profissionais sobre os ganhos e perdas relacionados ao tratamento remoto, é que mesmo à distância há a possibilidade de uma intervenção clínica. Especialmente em termos de eficácia e aderência foi possível avaliar criticamente a continuidade da psicanálise em formatos digitais e seus efeitos na trajetória terapêutica dos pacientes.

9. Desafios encontrados pelos psicanalistas no trabalho remoto com crianças e adolescentes

Delfini¹ reforça a importância na identificação dos desafios e dificuldades enfrentadas pelos psicanalistas no exercício da prática clínica durante a pandemia, e a partir daí, foi possível identificar alguns enfrentamentos técnicos, como instabilidade de conexão, falta de privacidade e dificuldade de concentração dos pacientes durante as sessões online, a necessidade de reajustar o tempo e o formato das sessões, especialmente com crianças, para manter a atenção e o engajamento no ambiente virtual. Delfini¹ fala dos desafios éticos e práticos relacionados à confidencialidade, considerando a realização das sessões no espaço doméstico, muitas vezes com a presença de outras pessoas e a gestão emocional dos próprios psicanalistas, que precisaram lidar simultaneamente com os impactos da pandemia em sua vida pessoal e em sua prática profissional. Daqui alguns insights práticos para a melhoria do atendimento remoto e reflexões sobre o futuro da psicanálise infantil em um contexto de mudanças tecnológicas e sociais.

Cabe ressaltar que de acordo com o art. 8º. Do Código de Ética Profissional do Psicólogo¹⁵, o atendimento remoto de crianças é permitido, desde que seja autorizado por um dos responsáveis legais da criança. Sendo que a(o) psicóloga(o) é responsável por avaliar se o atendimento online é compatível com as demandas da criança, respeitando as diretrizes do Código de Ética, se responsabilizando por prestar um serviço de qualidade.

Essa investigação carece de tempo e de campo de análise mais abrangente para melhor entender as mudanças emocionais e comportamentais em crianças e adolescentes durante o período de isolamento social, bem como as transformações na prática psicanalítica e no vínculo terapêutico mediado por tecnologias digitais. A relação entre a prática clínica e o

desenvolvimento psíquico dos jovens será explorada em profundidade, considerando o cenário inédito de pandemia e o atendimento remoto como uma possível modalidade complementar para o futuro da psicanálise.

CONCLUSÃO

A partir do objetivo deste estudo, foi possível verificar que a construção da identidade durante a infância e a adolescência depende diretamente da convivência social, da interação com figuras externas à família e da experiência em ambientes coletivos, como a escola, atividades esportivas e recreativas. A interrupção dessas interações, em decorrência do isolamento social e do fechamento das escolas, resultou em diversos impactos no desenvolvimento emocional e psicológico dos jovens.

Desse início, observou-se de acordo com as análises feitas a fragilidade na formação da Identidade pessoal e social pois, durante a pandemia, crianças e adolescentes experimentaram a diminuição das interações sociais presenciais, o que afetou o processo de construção de uma identidade pessoal e social autônoma. A falta de experiências em grupo reduziu as oportunidades de confronto e identificação com o outro, dificultando a formação de referências sociais essenciais para o desenvolvimento saudável. O aumento da ansiedade e insegurança psicológica, a incerteza e a ruptura das rotinas diárias, combinadas com o distanciamento dos amigos e professores, geraram sentimentos de estresse e solidão e a falta de previsibilidade trouxe um aumento na insegurança emocional, afetando diretamente a confiança necessária para o amadurecimento emocional e social dos jovens. Ao mesmo tempo, e como resultado do isolamento nos lares, as relações familiares e regressão de habilidades psíquicas já que o aumento da convivência familiar pode ter gerado tanto maior proximidade afetiva quanto intensificação de conflitos e tensões. Para alguns, a convivência intensiva pode ter resultado em regressões comportamentais (como dependência excessiva dos pais) e dificuldade na retomada da autonomia após o fim das restrições sociais.

Esses impactos destacam a necessidade de uma abordagem terapêutica que considere não apenas o contexto familiar, mas também a falta de experiências sociais ampliadas, que são fundamentais para o desenvolvimento saudável e para a formação da identidade. Conclui-se, portanto, por três principais desafios da Psicanálise à distância, a saber - em primeiro a manutenção do vínculo analítico e da aliança terapêutica pois a migração para o ambiente virtual afetou a construção e a manutenção do vínculo afetivo e da aliança terapêutica, especialmente com crianças, que muitas vezes precisam da presença física e do espaço lúdico para se expressar. Esse desafio foi acentuado pela dificuldade em captar sinais não verbais essenciais, como gestos e expressões faciais, que são fundamentais na escuta

analítica. Em segundo as dificuldades técnicas e limitações ambientais, pois a realização de sessões online trouxe desafios relacionados à instabilidade de conexão, dificuldade de concentração dos pacientes e à falta de privacidade nos lares. Jerusalinsky¹¹ afirma que em muitos casos, crianças e adolescentes não conseguiram encontrar um espaço seguro e livre de interrupções para as sessões, prejudicando a fluidez do atendimento. E por último a resistência e Fadiga Digital pois tanto os psicanalistas quanto os pacientes experimentaram a "fadiga digital", devido à sobrecarga de atividades realizadas por meio de telas.

Propõe-se, em contrapartida aos desafios acima citados, três principais adaptações necessárias na Psicanálise à distância, a saber - o uso de recursos lúdicos e criativos na psicanálise infantil que depende fortemente do brincar como forma de expressão e elaboração psíquica. No contexto remoto, uma adaptação do uso de brinquedos e jogos disponíveis em casa, online e no formato digital compartilhado, além de incorporar atividades criativas, como desenho online e o uso de objetos simbólicos durante a sessão. Em segundo lugar, é importante um maior envolvimento dos Pais e Responsáveis pois, com as sessões ocorrendo no ambiente doméstico, os pais passaram a ter um papel mais ativo no processo terapêutico, sendo mediadores entre o psicanalista, o meio digital e a criança. A escuta dos pais tornou-se fundamental para compreender o contexto emocional dos jovens e facilitar o vínculo terapêutico. E, em terceiro lugar, um ajuste na duração e frequência das Sessões já que para lidar com a fadiga digital e manter a atenção dos pacientes, uma das soluções possíveis é ajustar o tempo e a frequência das sessões, optando por atendimentos mais curtos ou alternando sessões mais frequentes e menos extensas. Delfine¹ reforça que a flexibilidade, tanto do setting quanto da técnica, se tornou essencial para manter a continuidade e a eficácia do tratamento.

Assim neste estudo, foi feita uma breve análise dos subsídios para uma prática clínica psicanalítica, propondo novas formas de intervenção que considerem tanto as potencialidades quanto às limitações do formato remoto, a partir da compreensão dos impactos do isolamento social e das adaptações realizadas na psicanálise à distância, na esperança que este artigo contribua para o aperfeiçoamento da psicanálise contemporânea, ampliando suas possibilidades de atuação em um mundo cada vez mais complexo e digitalizado.

REFERÊNCIAS

1. Delfini P. O trabalho remoto e a transferência na clínica com crianças. In: Velano M, Prado E, Delfini P, Brito C, organizadores. Psicanálise com crianças em tempos de pandemia: desafios e proposições para a clínica online. Porto Alegre: Artes & Ecos; 2021. p. 77–86.
2. Gueller A. Brincando em duas dimensões: reflexões sobre o atendimento psicanalítico virtual com as crianças. In: Velano M, Prado E, Delfini P, Brito C, organizadores. Psicanálise com crianças em

tempos de pandemia: desafios e proposições para a clínica online. Porto Alegre: Artes & Ecos; 2021. p. 19-35.

3. Freud S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: S. Freud, Obras completas. (vol. XII; pp. 277-290). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911).

4. Prado E. A situação analisante com crianças no contexto remoto: problematizações. In: Velano M, Prado E, Delfini P, Brito C, organizadores. Psicanálise com crianças em tempos de pandemia. Porto Alegre: Artes e Ecos; 2021. p. 59-75.

5. Freud S. Sobre o início do tratamento. In: S. Freud, Obras completas. (vol. XII; pp. 164-192). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913).

6. Winnicott DW. Brincar e Realidade. Rio de Janeiro: Imago. 1971

7. Lacan, J. O Seminário de Jacques Lacan: Livro XI: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1988

8. Velano M, Almeida Prado E, Delfini P, Brito CV. Psicanálise com crianças em tempos de pandemia: desafios e proposições para a clínica online/organização Marília Velano, Eduardo Almeida Prado, Patrícia Delfini e Claudia Vannozzi Brito. Porto Alegre: Artes e Ecos, 2021.

9. Migliavacca E. Breve reflexão sobre o setting, Revista Bol. psicol v.58 n.129 São Paulo dez. 2008, disponível em https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372013000200008&script=sci_arttext

10. Barros G. O Setting analítico na clínica cotidiana. Estud. psicanal. Belo Horizonte, n. 40, p. 71-78, dez. 2013. Disponível em https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000200008&lng=pt&nrm=iso

11. Jerusalinsky J. Pandemia, Infância e laço social. In: Geração pandêmica?: reflexões sobre a infância e a adolescência em tempos de pandemia / Roberta Ecleide de Oliveira Gomes, Kelly Cristina Brandão da Silva (orgs.). 1a. ed.- Curitiba: Appris, 2023.

12. Dolto F. A causa das crianças/ Françoise Dolto; [tradução Ivo Stomiolo e Yvone Maria C.T. da Silva]. – Aparecida-SP: Ideias e Letras. 2005. (Coleção Psi-atualidades, 4/ dirigida por Roberto Girola).

13. Freud S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: S. Freud, Obras completas. (vol. VII; pp. 123-234). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).

14. Dickel D. Clínica psicanalítica com crianças em tempos de pandemia. In: Catão AML, Samarcos ALH, Beato CRPS, organizadores. Psicanálise em tempos pandêmicos: do mal-estar da cultura ao além-do-setting analítico. Curitiba: CRV; 2022. p. 169–72.

15. CFP – Conselho Federal de Psicologia – Portal da transparência: atendimento psicológico online. pode atender crianças online. Disponível em <https://transparencia.cfp.org.br/crp10/pergunta-frequente/atendimento-terapeutico-mediado-por-computador/>

CONTATO

Elaine Tasso: elainetasso@hotmail.com